



PERFORMATIVIDADE NO DESFILE DE BALIZAS: ANÁLISE DE DOCUMENTÁRIO

Patrícia Machado Moreira
Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC), Brasil
Endereço eletrônico: papatymoreira@hotmail.com

Jéssica Gomes das Mercês Costa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: jessicaa.merces@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O desfile de balizas é um ato cívico que ocorre em algumas cidades no interior do estado da Bahia, desenvolvido em moldes militares, representa o enaltecimento e expectativa em relação ao projeto republicano esperado da época, meados de 1800, o processo de concepção do desfile foi pautado em regras regulatórias, designando idealizações para os corpos envolvidos (SILVA; PENTEADO JUNIOR, 2017).

A idealização de um gênero permanente se dá por conta da estilização dos corpos, esta estilização é construída socialmente ao longo do tempo, nessa construção, homens e mulheres devem apresentar características que são interpretadas como inatas a cada um deles (BUTLER, 2003).

A performatividade de gênero mostra para sociedade que existem pessoas dispostas à subversão das normas estabelecidas, que através das performances esses indivíduos conseguem utilizar da linguagem corporal para impor o respeito, o que por muitas vezes gera crítica de algumas pessoas. Segundo Pinto (2007, p. 7),

Uma visão performativa da linguagem deve interagir a complexidade das condições do sujeito que fala, e levar às últimas consequências a identidade entre dizer e fazer, insistindo na presença do ato na linguagem; ato que transforma-opera.

Homossexuais tendem utilizar a performatividade para quebrar regras e leis impostas pela norma, a fim de serem visibilizados. Segundo (BUTLER, 2003, p. 108)

O corpo fantasiado jamais poderá ser compreendido, em relação ao corpo real; ele só pode ser compreendido em relação a uma outra fantasia culturalmente instituída, a qual postula o lugar do “literal” e do “real”. Os limites do “real” são produzidos no campo da heterossexualização naturalizada dos corpos, em que os fatos físicos servem como causas e os desejos refletem os efeitos inexoráveis dessa



fisicalidade.

As transformações são elementos presentes em qualquer sociedade, e havendo estas mudanças há também as diferentes formas de pensar sobre elas e as discrepâncias no que diz respeito a sua manifestação. Diante disso é interessante analisar os posicionamentos da comunidade, apresentados em um minidocumentário, em relação às mudanças performáticas presentes no desfile de balizas.

METODOLOGIA

Para realização deste trabalho foi selecionado um minidocumentário de quatro partes, denominado “Balizas Encenam”, o mesmo se encontra disponível no site da TV Recôncavo (<https://sites.google.com/site/tvreconcavo/home>), este foi apresentado para análise no componente curricular Pedagogias Transgressoras da especialização Gênero e Sexualidade na Educação – UFBA. Todos os vídeos foram assistidos, e foram elencados elementos que demonstrassem as representações esperadas e presentes no desfile.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na análise do minidocumentário “Balizas Encenam” é corroborada a ideia de que a performatividade de gênero é uma construção social. A partir da construção histórica do evento, foram criados papéis exclusivos para homens e mulheres naquela festividade, sem levar em consideração os sujeitos em dissidência, esta situação é explanada por Miranda (2010, p. 7), quando este apresenta que “A norma articula mecanismos disciplinares do corpo e reguladores da população”.

Uma das grandes atrações desta manifestação histórica são as balizas, classificadas em Mor e Acrobática, ao longo do tempo a baliza mor foi caracterizada como um personagem sério, carregando traços militares, por isso sempre associado ao sexo masculino, visto que em uma sociedade heteronormativa tudo aquilo que transparece seriedade, poder e autoridade está associado aos homens normativos; enquanto que a baliza acrobática, associada às mulheres normativas, se apresenta com características de ginástica rítmica, sorrisos, danças e roupas exuberantes para encantar os telespectadores, nessa perspectiva é possível refletir acerca da construção dos traços que caracterizam homens e mulheres (BUTLER, 2003).



Com o crescimento da conquista de espaços por pessoas transgressoras, a cena do desfile começou a passar por algumas transformações, visto que os sujeitos que historicamente exerciam determinados papéis foram sendo substituídos por pessoas que não apresentavam características e comportamentos que o pensamento heteronormativo espera.

Esta mudança dividiu a opinião dos organizadores do evento, visto que muitos veem como algo normal, uma conquista de espaço e que deixou o desfile ainda mais fascinante; outros enxergam a introdução de pessoas com comportamentos que fogem daquilo que se espera, como uma afronta à solenidade da festividade histórica, nas falas “*denegrindo a imagem indo contra a tradição militar*” e “*discordo da viadagem exacerbada, no figurino, nos adereços, nas coreografias*” demonstra-se que o problema, para estes, não está na sexualidade do sujeito, desde que a sua expressão de gênero seja condizente com o seu sexo biológico, pode transgredir, mas que seja de forma escondida, não exposta, a norma deve ditar o padrão comportamental e de vestimentas, no qual homens não devem usar adereços e figurinos que a norma dita como elementos femininos (MIRANDA, 2010; SILVA; PENTEADO JUNIOR, 2017). Para Butler (2013), quando as imagens corporais não se encaixam nos gêneros pré-estabelecidos, são desumanizados.

Em outra fala, o sujeito demonstra a falta de conhecimento no que tange as questões de gênero e sexualidade, utilizando termos errôneos, “*o homossexual que se comporta como homem, a opção sexual dele fica fora do grupo*” sabe-se que um gay cis, é um homem, mas que a comunidade, por ignorância, pensa que um gay *quer ser* mulher, quando ele diz *se comporta como homem* ele está fazendo referência àquilo que a norma espera dos comportamentos dos homens.

Outra expressão errada encontrada na fala deste sujeito é *opção sexual*, que inúmeras vezes já se foi discutido que o correto é orientação sexual, visto que a pessoa não escolhe por quem sentir atração. De uma maneira geral, esta fala aponta que uma das grandes problemáticas enfrentadas pelos sujeitos transgressores, que é a ignorância daqueles que os cercam, visto que o preconceito e a homofobia estão fundamentados na falta de conhecimento dos que não procuram entender e compreender o outro.

Para que as balizas homossexuais consigam transgredir, elas se destacam fazendo uso da performatividade, empregando assim o seu corpo e mostrando para



sociedade que as regras impostas estão ali para serem desconstruídas e reconstruídas respeitando as identidades de gênero de cada pessoa.

Ao tentar justificar os porquês de não aceitarem as balizas, se torna claro que o que dizem são apenas palavras soltas, visando assim não parecerem preconceituosas, entretanto, nas entrelinhas deixam escapar o que de fato pensam, demonstrando o quanto ficam incomodadas com a transgressão legitimada das balizas. Diante de tal situação, a análise de Butler (2013) acerca da interação entre o normativo e o transgressor é de grande importância, o corpo transgressor jamais poderá ser compreendido por aquele que é tido como “real”, a naturalização da heterossexualidade faz com que o que é considerado “real” tenha um limite, que não pode ser transpassado.

Assim, é possível perceber a construção do heteronormatividade, falas que denunciam a intolerância e homofobia veladas, mas quem as diz as tem como irrelevantes e não preconceituosas. A homofobia está enraizada na sociedade, e quando esta sociedade se depara com indivíduos transgressões tendem a reprimi-los e tentar fazer com que se encaixem na regra normativa, ainda que esta não os representem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A normatividade imposta pela sociedade sobre os desfiles cívicos, dificulta a participação das balizas homossexuais, e as poucas que conseguem enfrentar críticas e perseguições, pois a imposição é que essas pessoas se comportem de forma heteronormativa, entretanto a homossexualidade não se condiciona às normas ditadas pela heterossexualidade (BUTLER, 2003).

Casos, nos quais, a presença e participação de homossexuais em um evento cívico são questionadas e reprimidas devem ser rechaçados, para isso os grupos não heteronormativos devem se impor e se estabelecer, é necessário que se faça da homossexualidade uma identidade social legítima (ANJOS, 2002). E apesar dos preconceitos e das tentativas de domesticação, o minidocumentário mostrou a garra e a transgressão dos sujeitos em dissidência, que desviam das tentativas de normatização e permanecem como transgressores das normas de controle e opressão presentes na sociedade, lutando contra a invisibilidade, enfatizando sua existência e através da dança, do figurino e da representatividade se mostram ao mundo.

Esse ato contra as normas impostas por uma sociedade preconceituosa, na qual



só o padrão da heteronormatividade é aceito, é de extrema importância. As balizas não normativas, estão ali mostrando para todos que existem e merecem respeito, utilizar dos desfiles cívicos para transgredir demonstra a importância da representatividade, quando o fazem querem apenas enfatizar sua existência e afirmar o merecimento dos direitos iguais.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; Balizas; Performatividade.

REFERÊNCIAS

ANJOS, G. Homossexualidade, direitos humanos e cidadania. **Sociologias**, ano 4, n. 7, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n7/a10n7.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2019.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HADDAD, M. I. D.; HADDAD, R. D. Judith Butler: performatividade, constituição de gênero e teoria feminista. In: Seminário Enlaçando Sexualidades, 5, 2017, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UNEB, 2017. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA3_ID559_17072017160232.pdf. Acesso em: 02 abr. 2019.

MIRANDA, F. F. F. Heteronormatividade: uma leitura sobre construção e implicações na publicidade. **Revista Fragmentos de cultura**, v. 20, n. 1/2, 2010. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/1314/898>. Acesso em: 09 abr. 2019.

PINTO, J. P. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 23, n. 1, p. 1-26, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v23n1/a01v23n1>. Acesso em: 02 abr. 2019.

SILVA, V. S.; PENTEADO JÚNIOR, W. R. Ensaio etnográfico sobre o universo de homens negros balizas e mores de fanfarra no desfile cívico do 02 de julho. In: Seminário Enlaçando Sexualidades, 5, 2017, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UNEB, 2017. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA24_ID764_19072017183220.pdf. Acesso em: 09 abr. 2019.